

A Carta de Ottawa e a medicina grega antiga: breve reflexão sobre dois momentos históricos e a mudança nos paradigmas de definição de saúde

Milton Morales Filho, IAMSPE - Instituto de Assistência Médica do Servido Público Estadual, Brasil
Cidia Vasconcellos, IAMSPE - Instituto de assistência médica do servido público estadual, Brasil
André Mota, FMUSP-Museu Histórico, Brasil

Resumo: A partir da “Carta de Ottawa”, de 1986, a promoção da saúde passou a ser vista não apenas como uma responsabilidade exclusiva do setor da Saúde, indo para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global. A ideia de um equilíbrio dinâmico entre saúde e doença teve início histórico no Ocidente em torno do séc. V a.C., quando a Filosofia da Natureza e a Medicina começaram a se integrar. A natureza humana física, nas investigações pré-socráticas, estava ligada ao conceito de “physis”. As doenças também obedeciam aos mesmos princípios que davam o sentido da totalidade do “kósmos”. A integração do homem ao “kósmos” inicialmente se deu por meio de seus elementos constitutivos, para que, num segundo passo, fossem projetados os mesmos conceitos sobre sua natureza espiritual. Essa teoria está presente no “Corpus hippocraticum”, na questão da saúde como equilíbrio. A dieta referia-se não só à alimentação, mas aos exercícios, à atividade profissional, ao entorno geográfico e climático e às atividades políticas e sociais da cidade na qual o indivíduo vivia, de acordo com a idade e o sexo.

Palavras-chave: história da medicina, antropologia médica, imagem corporal, corpo humano

Abstract: From the Ottawa Charter of 1986, health promotion has been seen not only as an exclusive responsibility of the Healthcare sector, and it goes beyond a healthy lifestyle towards a global state of well-being. The idea of a dynamic balance between health and disease has a historical beginning in the West around V b.C., when Philosophy of Nature and Medicine began to become integrated. According to pre-Socratic investigations, the physical human nature was linked to the concept of physis. Diseases also followed the same principles that gave the kósmos its sense of totality. The integration between man and kósmos initially happened through its constituent elements in order to the same concepts about spiritual nature could be further on projected. This theory will be present in Corpus hippocraticum, on the matter of health as equilibrium. Diet referred not only to nourishment, but also to exercise, professional activity, the geographic and climatic surroundings and the political and social activities of the city in which the individual lived, depending on age and sex.

Keywords: History of Medicine, Anthropology, Medical, Body Image, Human Body

1. Introdução

Na Medicina, assim como em outras áreas da Saúde, os grandes avanços científicos e a busca por novas descobertas e tratamentos impulsionam a pesquisa científica a buscar sempre o novo e o não conhecido. Fatos históricos quase sempre são meras curiosidades e motivo de riso, devido aos métodos obsoletos que os pioneiros da Medicina apresentavam como condutas incontestes. Mas será que, na História, também não ficaram esquecidos fatos relevantes? Necessariamente a História corre em direção ao que é melhor e ao que é inédito?

É importante investigar fatos históricos e colocar alguns acontecimentos em Saúde em discussão, a fim de compreendermos a atualidade e refletirmos sobre a origem de conceitos que usamos de maneira tão rotineira.



2. Objetivo

Apresentar alguns conceitos da medicina grega do século VI a.C. ao IV a.C. concernentes a saúde e doença e compará-los com o conceito contemporâneo de “promoção da saúde” presente na *Carta de Ottawa*.

3. Método

Um acontecimento, em História, é um “fragmento da realidade percebida que não tem nenhuma unidade além do nome que lhe dá. [...] Fabricante e fabricado, o acontecimento é inicialmente um pedaço de tempo e de ação [...]” (Farge, 2011, p. 71). Sendo os acontecimentos muito mais heterogêneos do que homogêneos, uma possibilidade de organização cronológica é conjugá-los a partir de rupturas-continuidades, arcaísmos-modernidades, formando “redes de significação” de momentos históricos.

O método aplicado ao presente artigo foi o de isolar dois acontecimentos e compará-los. Apesar do risco de diluí-los frente ao imenso discurso histórico, deparamos com o jogo incessante de rupturas e continuidades que eles nos revelam em suas relações singulares (Farge, 2011, pp. 71-85).

A partir de momentos distintos e irregulares, são descritos dois acontecimentos históricos: a *Carta de Ottawa* (Brasil, 2002), apresentada em 1986 na Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, e a evolução da medicina grega nos séculos VI-IV a.C., que culmina com o *Corpus hippocraticum*. Apesar de um não ser uma evolução histórica do outro, existem certas permanências históricas, isto é, questões que foram levantadas há 2.500 anos e que podem fazer sentido para a compreensão do que o conceito de saúde é hoje. Os dois acontecimentos são descritos separadamente, seguidos de uma breve discussão.

3.1. A Carta de Ottawa

A Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, em novembro de 1986, apresentou a *Carta de Ottawa*, documento com intenções para a Saúde no ano 2000 e anos subsequentes. Essa carta surge como necessidade de uma nova Saúde Pública, sendo clara sua intenção de definir a “saúde como um conceito positivo que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas” (Brasil, 2002, p. 20). Nessa afirmação fica evidente que a promoção de saúde não mais se restringia ao setor da Saúde, mas à busca de um bem-estar global.

O debate sobre a saúde começou a ser ampliado a partir da década de 1960, quando a visão de saúde começou a superar a orientação centrada na enfermidade, realçando os aspectos econômicos e sociais. O Relatório Lalonde (*The new perspective for the Health of Canadians*), de 1974 (Carvalho, 2004), e o relato das missões enviadas à China entre 1973-1974 referindo-se às atividades para a melhoria da saúde desde 1965 foram duas bases importantes para a conformação de um novo paradigma, formalizado na conferência de Alma-Ata (1978), com a proposta de saúde para todos no ano 2000 e a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde (1986) promulgada na *Carta de Ottawa* (Brasil, 2002, pp. 7-8).

A *Carta de Ottawa* coloca como condições e recursos fundamentais para a saúde: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade. Para que tais condições e recursos sejam viáveis, muitas esferas da sociedade devem estar envolvidas na Política de Promoção da Saúde. A conferência, no final da carta, “conclama a Organização Mundial da Saúde e outras organizações internacionais para a defesa da promoção da saúde em todos os fóruns apropriados e para o apoio aos países no estabelecimento de estratégias e programas para a promoção da saúde” (Brasil, 2002, p. 27), instaurando a visão da responsabilidade global sobre o tema. A partir da *Carta de Ottawa*, a definição de saúde foi definitivamente ampliada. Foi um marco na Promoção da Saúde e seu apontamento para o ano 2000 ainda se faz presente como desafio para a nossa sociedade, em direção ao bem-estar global.

3.2. A medicina grega nos séculos VI-IV a.C.

Se voltarmos no tempo histórico do Ocidente, mais precisamente ao período entre os séculos VI a.C. e IV a.C. na Grécia antiga, vamos deparar com o momento em que começam grandes transformações no saber e também em relação ao conceito de saúde. Os filósofos pré-socráticos deram início a uma nova compreensão sobre a saúde e a doença (Chauí, 2002, p. 53; Reale, 2009, p. 112). Ao investigarem racionalmente o mundo externo, por intermédio da Matemática e da Medicina, desenvolveram uma *tékhnē* que, posteriormente, serviria de modelo para a investigação do homem interior, com a Filosofia (Jaeger, 1995, p. 193). Marilena Chauí define a *tékhnē* como a disposição racional para produzir coisas em conformidade com certas regras e modelos (Chauí, 2002, p. 456).

Com a consolidação da democracia (Grécia, séc. V a.C.), a *tékhnē* deixa de ser vista com desprezo na *polis*. Traduzida como artes ou técnicas, pode ser dividida em dois grupos: as manuais, como a pintura, a escultura, a arquitetura e a medicina, e as liberais, como a oratória, a poesia e a tragédia (Chauí, 2002, p. 127). Entre as técnicas, a medicina tem, inicialmente, relação estreita com a filosofia: deixa de ser praticada por sacerdotes e curandeiros e se desenvolve, a partir de então, de forma concomitante ao estudo da *physis*. Surge daí uma nova concepção da saúde e da doença, que passa a envolver a relação do homem tanto com a natureza quanto com a sociedade (Chauí, 2002, p. 145).

Qual a definição de *physis*? Tudo o que existe é *physis*: o céu, a terra, os seres vivos, inclusive o pensamento e o divino. Traduzido para o latim como *natura*, a *physis* é eterna (Chauí, 2002, p. 47). Ao investigarem a *physis* e a origem das coisas, os pensadores chamados naturalistas, no século VI a.C., obrigaram o pensamento humano a ultrapassar a experiência sensorial para buscar a origem das coisas, numa pesquisa empírica, objetivando chegar à compreensão racional da existência (Jaeger, 1995, p. 196). Pitágoras (571 a.C. a 496 a.C.) foi o primeiro a falar em *kósmos*, como um sistema ordenado de opostos em concordância recíproca, uma proporção regulada de pares de opostos: alto-baixo, direita-esquerda, macho-fêmea, movimento-reposo, quente-frio, seco-úmido, luz-treva, doce-amargo, bom-mau, verdadeiro-falso, justo-injusto, grande-pequeno, novo-velho, reto-curvo etc. (Chauí, 2002, pp. 69, 76).

No conceito de *kósmos* está presente a ideia de harmonia, bem como conceitos relacionados a ela, como ritmo e medida. Por meio desses conceitos chegou-se à consciência tanto do aspecto estrutural do *kósmos* como da relação das partes com o todo. Essa busca pela descoberta racional da “natureza do ser” foi o estágio prévio necessário para que houvesse a transposição para o conhecimento da estruturação da vida e o mundo interior do homem (Jaeger, 1995, pp. 207-208).

3.2.1. As doutrinas médicas nos filósofos pré-socráticos

A convergência da Filosofia da Natureza e da Medicina começou em torno do século V a.C., quando aquela foi assimilada por esta. Alcmeón de Crotona e Empédocles de Agrigento eram simultaneamente filósofos e médicos, o que explica a facilidade de transposição do pensamento entre as áreas (Jaeger, 1995, p. 1.008). O primeiro médico a empregar o termo *dýnamis* em Medicina foi Alcmeón de Crotona. O quente, o frio, o seco, o úmido, o doce, o amargo, o leve, o pesado etc. são *dýnameis*, forças elementares que diferem em cada parte do corpo, pois cada parte possui a sua *dýnamis* própria (Chauí, 2002, p. 149). Alcmeón de Crotona define estado de saúde como o equilíbrio (*isonomia*) das potências (*dýnamis*) (Frias, 2004, p. 26). O predomínio de uma só (*monarkhía*) sobre as outras seria a causa das doenças (Chauí, 2002, p. 145).

A teoria de Alcmeón de Crotona acerca da saúde está presente em todos os tratados do *Corpus hippocraticum*, na questão da saúde como o equilíbrio, ou a justa medida, das qualidades ou propriedades do úmido, do seco, do frio, do quente, do amargo, do doce, entre outros. A *monarkhía* entre eles produz doença e destruição, pois a doença sobrevém quando há excesso de calor ou de frio, por exemplo, ou abundância ou carência de um alimento em partes como o sangue, a medula ou o cérebro. Essas partes podem ser também afetadas por causas externas, como a qualidade da

água e certas regiões geográficas, e isso prejudicar o organismo. Tanto a natureza do corpo quanto a ação humana para a organização da *polis*, segundo Alcmeón de Crotona, devem estar em equilíbrio, seja para o bem-estar do corpo seja para o da cidade (*polis*). A compreensão da saúde como equilíbrio do corpo é vista dentro da *isonomia* das propriedades que o compõem, enquanto a doença se configura como a *monarkhía* de uma dessas propriedades (Alsina, 2009, pp. 25-26).

Nessa fase, Medicina e Filosofia influenciam-se mutuamente, com seu fundamento teórico mais ligado ao mundo físico do que à Filosofia. Os ciclos da água na natureza (vapores em movimento ascendente, líquidos em movimentos descendentes) também tinham sua correspondência no corpo humano (Frias, 2004, pp. 15, 48). As doenças obedeciam aos mesmos princípios que davam o sentido da totalidade do *kósmos*. Deste modo, o homem integrou-se ao *kósmos* inicialmente de maneira física, por meio de seus elementos constitutivos, para que, num segundo passo, fossem projetados os mesmos conceitos sobre sua natureza espiritual (Jaeger, 1995, p. 1.007).

Vemos aí o nascimento de uma forma de saber. Baseada no conhecimento das relações de um organismo perante os efeitos das forças do processo da natureza, a existência física do homem, tanto no estado normal como na doença, depende das mesmas leis do universo. Tãmanha foi a força desse conhecimento que a teoria física de Empédocles de Agrigento sobre os quatro elementos (água, terra, fogo e ar) foi utilizada na Medicina nos quatro séculos seguintes, dentro da doutrina das quatro qualidades fundamentais: o quente, o frio, o seco e o úmido (Jaeger, 1995, p. 1.020).

3.2.2. *Corpus hippocraticum*

Mas, foi a partir de Hipócrates, com base no conhecimento empírico desenvolvido anteriormente com os filósofos naturalistas, que um “método” de busca de conhecimento foi racionalizado. Esse método é considerado o início da perspectiva científica no Ocidente (Cairus, 2005, p. 10). A datação do *Corpus hippocraticum* não é exata, sendo os principais trabalhos compostos entre 420 a.C. e 350 a.C. A obra é composta de 66 tratados sobre temas relacionados ao corpo, um juramento e o livro “Leis” (*Nómos*), além de cartas e discursos. Provavelmente, foi escrito por vários autores (Cairus, 2005, p. 25).

A orientação da cultura grega da época clássica (séc. V a.C. a IV a.C.) estava voltada tanto para a formação do corpo como para a do espírito. Para o corpo, a figura do médico estava ao lado do professor de ginástica na educação física, e, no campo espiritual, o filósofo tinha destaque junto aos músicos e poetas (Jaeger, 1995, p. 1.002). O grande processo espiritual da formação do homem helênico teve como contribuição a doutrina referente à conservação da saúde do homem, proveniente da medicina dos séculos V a.C. e IV a.C. (Jaeger, 1995, p. 1.033).

Os médicos gregos, disciplinados pelo conceito de lei dos filósofos, criaram um sistema teórico que serviu de sustentação a um movimento científico. Da mesma forma, a ciência ética de Sócrates, que ocupa lugar central nos diálogos de Platão, não seria concebida sem o modelo da medicina hipocrática (Jaeger, 1995, pp. 1.002, 1.004). A Medicina foi assaz influenciada pelo conceito de *physis* total, da natureza do universo, desenvolvido pela filosofia jônica. O escrito hipocrático “Dos ventos, águas e regiões” mostra a conexão do pensamento médico com o estudo da natureza (Jaeger, 1995, p. 1.006).

De acordo com o *Corpus hippocraticum*, a *physis* universal (natureza) é comum a todos os seres, enquanto a *physis* individual diz respeito à natureza de cada coisa. Há também a *physis* da saúde e a *physis* das doenças, pois cada doença pode ser conhecida, determinada e definida. Para conhecer a doença, é preciso conhecer a natureza das doenças; porém, não é possível conhecer a natureza das doenças se não se conhecer a natureza em seu todo e no seu princípio (*arkhé*) (Chauí, 2002, p. 147). Nesse sentido, o tratado “Da medicina antiga” trata, pela primeira vez, da dieta e da saúde relacionadas. A dieta era composta de cinco elementos principais:

[...] a alimentação, os exercícios, a atividade profissional (e, por conseguinte, o grupo social), o entorno geográfico e climático e inclui também as atividades políticas e sociais da cidade em que o indivíduo vive; devia-se considerar a sua textura física, a sua idade, se mulher ou homem, criança, jovem ou velho. (Alsina, 2009, p. 11)

Ao prescrever uma dieta para o paciente, os elementos citados eram levados em consideração; porém, a intervenção do médico restringia-se à alimentação e aos exercícios, visto que os outros elementos pouco dependiam de sua ação. O ideal era chegar a um equilíbrio exato entre alimentos e exercícios, mas, como visto, outras variáveis também interferem nesse equilíbrio (Alsina, 2009, pp. 10-12). No tratado “Água, ares e lugares”, também contido no *Corpus hippocraticum*, pela primeira vez na história da cultura ocidental a relação entre *physis* e *nómos* é estabelecida: *nómos* como o que é por convenção, por acordo e decisão dos humanos, e *physis* como o que é por natureza (Chauí, 2002, p. 506). Como em outros tratados, também há relação do universo com o microcosmo humano e com o corpo sofrendo modificações de acordo com o clima e o solo (Frias, 2004, p. 64).

A dieta, no sentido grego, pode ser entendida como modo de vida e é o que torna o *nómos* acessível ao médico. A natureza pode ser influenciada pelo *nómos*. Não é possível mudar o ambiente, mas pode-se contorná-lo. O vento, o solo, as águas, podem ser administrados de acordo com a dieta ou o estilo de vida (Cairus, 2005, p. 93). A descrição do médico hipocrático feita por Chauí nos dá a dimensão da complexidade e do conjunto de conhecimentos utilizados:

O médico hipocrático contempla o homem no interior do cosmo: [...] como opera suas dynamei, a que doenças sua phýsis o predis põe e quais lhe podem acontecer por acaso, o médico leva em conta as estações do ano, a posição dos astros, a posição e situação geográficas dos lugares, o clima, a qualidade das águas e das terras, os costumes referentes à alimentação, à habitação, ao vestuário, aos exercícios físicos e psíquicos, as instituições sociais, religiosas e políticas. Conhecer um paciente individual é conhecer sua natureza no mundo no qual ele vive e com o qual se relaciona desde o nascimento. (Chauí, 2002, p. 152)

4. Discussão

Considerando os séculos que nos separam da civilização grega antiga e os grandes avanços da área científica no decorrer desse tempo, vemos que, conceitualmente, foi com os filósofos da natureza que uma visão ampliada sobre saúde e doença foi primeiramente descrita, de forma sistemática, no Ocidente. A partir do desenvolvimento do pensamento racional e da investigação do mundo externo, o homem foi criando, em contextos diversos, um método para investigação e compreensão de si mesmo. Chegamos às moléculas, aos micro-organismos, desenvolvemos medicamentos, vacinas, fazemos transplantes de órgãos, transformações jamais imaginadas pelos primeiros médicos.

Curiosamente, tais movimentos científicos dos séculos XX e XXI podem ser contrapostos a uma carta cujo conteúdo sobre saúde e doença vai além da materialidade do corpo humano, chegando até mesmo a determinações do que vem a ser a saúde. A *Carta de Ottawa*, ao colocar como condições e recursos fundamentais para a saúde: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade, devolve à saúde a visão do todo. Assim como os primeiros filósofos, temos o desafio, a partir de um novo grau de consciência, de compreender esse novo paradigma de saúde, no qual conceitos tão antigos como os aqui retomados não parecem tão distantes da maneira como formulamos algumas questões contemporâneas sobre o binômio saúde/doença.

REFERÊNCIAS

- Alsina, J. (2009) *A saúde põe a mesa entre os gregos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Brasil. (2002). Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *As cartas da promoção da Saúde*. Brasília, DF, Brasil: Ministério da Saúde.
- Cairus, H. F. (2005). *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro, Brasil: Fiocruz.
- Carvalho, S. R. (2004). As contradições da promoção à saúde em relação à produção de sujeitos e a mudança social. *Ciênc. saúde coletiva* [online], 9(3), pp. 669-678.
- Chauí, M. (2002). *História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo, Brasil: Cia. das Letras.
- Farge, A. (2011). *Lugares para a História* (Trad. Fernando Scheibe). Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.
- Jaeger, W. (1995). *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Reale, G. (2009). *Pré-socráticos e orfismo*. São Paulo, Brasil: Loyola.

SOBRE OS AUTORES

Milton Morales Filho: Médico formado pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com residência em Medicina Preventiva no Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (IAMSPE). Mestre em Ciências da Saúde pelo IAMSPE. Pós-graduado em Acupuntura e Medicina Chinesa pela Associação Médica Brasileira de Acupuntura (AMBA). Trabalha com promoção da saúde no IAMSPE, no Programa Prevenir. Formado também pela Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (USP), trabalha como dramaturgo, com obras escritas para adultos e crianças.

Cidia Vasconcellos: Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP, 1979), residência médica em Dermatologia pelo Hospital das Clínicas da FMUSP (1981), especialização em Saúde Pública pela Universidade São Camilo (1983), mestrado em Medicina (Dermatologia) pela FMUSP (1988), doutorado em Medicina (Patologia) pela FMUSP (1995) e pós-doutorado em medicina (Medicina Preventiva) pela mesma faculdade (1998). Atualmente é conselheira da Sociedade Brasileira de Dermatologia Regional São Paulo, professora da Universidade Cidade de São Paulo, orientadora e professora de pós-graduação strictu sensu da FMUSP e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do IAMSPE.

André Mota: É graduado em História pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP (1994). Desenvolveu seu projeto de doutorado entre 1995-2001, defendendo a tese: Tropeços da medicina bandeirante, São Paulo, 1892-1920. Entre 2006-2008 recebeu uma bolsa de pós-doutoramento Fapesp e desenvolveu seu projeto de pesquisa, intitulado Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina no Brasil: o caso paulista em 1930, junto ao Departamento de Medicina Preventiva da FMUSP. Atualmente, é coordenador do Museu Histórico da FMUSP. Suas principais áreas de atuação são vinculadas ao estudo histórico da Medicina e da saúde pública em diálogo com suas particularidades paulistas.